

Um Estudo das Representações Sociais de Professores LGBTQIAPN+ sobre a Escola

Guilherme Gutemberg Barbosa de Paula¹
Rejane Dias da Silva Morais²

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar as Representações Sociais de escola construídas por professores/as LGBTQIAPN+ que atuam na educação básica, por meio de suas trajetórias escolares e docentes. Adotamos como aporte teórico a Teoria das Representações Sociais, na vertente culturalista, que concebe as RS como um saber prático que emerge das interações cotidianas entre os sujeitos e seus contextos sociais, compartilhados pelos membros de um grupo social. Para o estudo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 docentes de escolas públicas e privadas localizadas em Recife-PE e Região Metropolitana. Os resultados indicam que as representações relacionadas às trajetórias escolares dos docentes caracterizam a escola como um ambiente de múltiplas práticas de aprendizagem e acolhimento, mas também de exclusão e preconceito. Como professores, esses docentes buscam ser agentes de mudança, coibindo atitudes discriminatórias e contribuindo para a construção de um ambiente plural e mais seguro. O estudo das representações sociais da escola sob a perspectiva de gênero e sexualidade permite compreender como as práticas e percepções podem ser transformadas, atribuindo novos significados ao contexto escolar.

Palavras-Chave: Escola; Professores; LGBTQIAPN+.

1 Introdução

A escola tem sido amplamente discutida na sociedade e no meio acadêmico ao longo dos anos. Especialmente nos cursos de formação de professores, o papel social da escola e seu contexto têm sido temas recorrentes nas práticas docentes. Na Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), os discentes têm acesso a experiências formativas que possibilitam a atuação em diversos espaços escolares, contribuindo para a construção de saberes e habilidades sobre a realidade educacional. Essas experiências propiciam uma reflexão crítica sobre a prática pedagógica, permitindo compreender a escola como “um espaço social em que ocorrem movimentos de aproximação e de afastamento, onde se produzem e se reelaboram conhecimentos, valores e significados” (ANDRÉ, p. 141, 2008).

No âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), dedicamos três anos à pesquisa sobre as Representações Sociais da escola, com enfoque nos estudantes, professores e gestores, à luz da Teoria das Representações Sociais (TRS),

¹ Concluinte do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: guilherme.gutemberg@ufpe.br

² Prof^a Dr^a vinculada ao Departamento de Políticas e Gestão da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: rejane.dsilva@ufpe.br

desenvolvida por Serge Moscovici. Durante esse período, compreendemos a relevância desses estudos para entender a realidade educacional em que vivemos. Além disso, a vivência pessoal como estudante e professor gay na escola motivou a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, que busca investigar as representações sociais acerca da escola construídas por grupos de professores LGBTQIAPN+³, visando compreender a realidade desses profissionais na educação.

As discussões sobre gênero e diversidade sexual nas escolas são recentes e permeadas por tensões, tanto no interior da escola como nas relações com as famílias dos estudantes, refletindo a intolerância e o preconceito da sociedade. A presença de profissionais abertamente LGBTQIAPN+ no ambiente escolar ainda é pouco expressiva e a escola, apesar de poder ser um espaço potencialmente transformador, ainda reproduz um modelo heteronormativo imposto socialmente, que acaba por resultar na exclusão e no fracasso escolar desses grupos.

Entendemos a escola como um campo simbólico rico em elementos representacionais que oferece oportunidades para a aquisição de conhecimento e interação. Marques e Castanho (2011) destacam que a escola é percebida pelos alunos como um meio de aprendizado, promoção pessoal e empregabilidade, mas que os estudantes também enfrentam desafios ao se adaptarem a esse ambiente. Dessa forma, embora os estudantes a vejam como um ambiente necessário para seu desenvolvimento pessoal e profissional, muitas vezes atribuem significados negativos a ela, incluindo sua rotina, práticas educacionais e relacionamentos interpessoais.

É fundamental considerar a influência mútua entre a escola e a sociedade, já que as normas sociais são expressas e refletidas pelos membros da comunidade escolar. Conforme destaca o sociólogo Pierre Bourdieu (1999), as relações sociais determinadas pelos papéis de gênero levam à classificação e distinção entre as coisas e pessoas em um binarismo antagônico entre o masculino e o feminino. Desse modo, essa construção social sobre os corpos na escola também possui uma dimensão pedagógica. Dentro de uma lógica binária que não admite a violação da ordem social sobre os papéis de gênero, as pessoas que se desviam do padrão heteronormativo estabelecido são frequentemente alvo de violência e opressão de sua sexualidade, o que também é reproduzido no ambiente escolar.

³ A sigla LGBTQIAPN+ é um acrônimo que representa diferentes identidades de gênero e sexualidade. Cada letra representa um grupo diferente: lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual e não-binário. O sinal de adição (+) é usado para incluir outras identidades que não estão incluídas na sigla principal.

Neves e Silva (2017), ao investigar o protagonismo na promoção de igualdade de direitos à população LGBTQIAPN+, revelam que os professores buscam trazer discussões em sala de aula, mas isso ainda é incipiente. Os autores defendem a formação para a diversidade e o papel dos professores como mediadores para promover a igualdade de direitos e amenizar o preconceito. Assim, compreender como as vivências de grupos sociais minoritários influenciam a construção das Representações Sociais sobre a escola pode indicar como as instituições escolares ainda reproduzem práticas estruturais de violência e exclusão, mas também como os indivíduos resistem e transformam esses espaços.

A Teoria das Representações Sociais, concebida por Serge Moscovici, é um campo interdisciplinar que tem gerado debates, intercâmbios, consensos e dissensos na Psicologia Social. Ela tem sido amplamente utilizada para compreender uma série de fenômenos em diferentes áreas, inclusive na educação. Lopes (2013) destaca que temas como Identidade do professor, Formação docente, Violência no ambiente escolar, Concepções pedagógicas, Gênero e Sexualidade têm sido abordados com base na Teoria das Representações Sociais.

Ainda no âmbito educacional, Arruda (2019) destaca a relação entre a TRS e as teorias de gênero, apontando que enquanto a Teoria das Representações Sociais busca entender a construção do mundo pelas pessoas comuns, inseridas em seus grupos sociais, as teorias de gênero procuram analisar e questionar as relações de poder estabelecidas a partir de um sistema de significados que reduz os sujeitos em categorias de sexualidade e gênero.

Considerando a literatura que aborda a escola na perspectiva de gênero em conjunto com a Teoria das Representações Sociais, a presente pesquisa busca responder às seguintes questões: *"Como as trajetórias escolares e profissionais de professores LGBTQIAPN+ na educação básica são caracterizadas? Quais são as representações sociais sobre a escola que emergem nessas trajetórias? Como esses profissionais constroem suas relações de trabalho no cotidiano escolar?"*

Com base nessas questões, o objetivo geral deste estudo é investigar o conteúdo das representações sociais construídas por professores LGBTQIAPN+ sobre a escola. Como objetivos específicos, o estudo procura descrever as trajetórias escolares e profissionais desses profissionais ao longo da educação básica e identificar as representações sociais sobre a escola construídas por eles, segundo os processos de objetivação e ancoragem.

2 Referencial Teórico

2.1 A Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais, criada por Serge Moscovici a partir de um estudo sobre a psicanálise na década de 1960, ganhou notoriedade apenas na década de 1980 e vem se consolidando no campo educacional. Segundo Jodelet (2001), as Representações Sociais são formas de conhecimento socialmente construídas e compartilhadas, que contribuem para a construção de uma realidade comum a um grupo social. Trata-se de um campo de estudos que valoriza o senso comum e a forma como ele é construído e representado pela coletividade (Galli, 2014).

A Teoria das Representações Sociais é composta por três abordagens distintas: a *culturalista*, a *societal* e a *estrutural*. A abordagem culturalista, liderada por Denise Jodelet, enfatiza a construção cultural e histórica das representações sociais, analisando discursos, narrativas e símbolos. A abordagem societal enfoca as relações entre grupos sociais e as representações que eles constroem sobre si mesmos e outros, destacando a influência das dinâmicas sociais e de poder. Já a abordagem estrutural enfatiza a estrutura e o conteúdo das representações sociais, buscando identificar os elementos e esquemas cognitivos que permitem a compreensão e categorização do mundo social. Cada uma dessas abordagens oferece uma contribuição importante para a compreensão das representações sociais em diferentes contextos e áreas de estudo, e muitas vezes elas são combinadas para uma análise mais completa e abrangente.

Nesta investigação adotamos a vertente culturalista. Em síntese, nesta abordagem, as representações são entendidas como um conhecimento socialmente elaborado e compartilhado que tem uma dimensão prática e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. A abordagem culturalista destaca a importância do contexto cultural e histórico na construção das representações sociais, enfatizando que elas são influenciadas por fatores como a linguagem, os símbolos e as normas culturais. Por isso, ao adotar essa vertente, a presente pesquisa se propõe a investigar como as representações sociais acerca da escola são construídas e compartilhadas pelos professores LGBTQIAPN+ no seu contexto cotidiano de trabalho.

Através de nossa interação social, somos instados a criar representações sociais como uma forma de dar sentido à realidade que nos cerca. Essas representações são construídas através de nossas conversas diárias e resultam em teorias do senso comum que não se limitam a meras opiniões sobre os objetos, eventos e situações. Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são um conhecimento prático que têm como objetivo transformar o estranho em familiar, e essa familiarização se faz mediante dois processos: *objetivação* e

ancoragem. Esses processos se baseiam na memória, em informações e conhecimentos acumulados.

De acordo com Moscovici (2012), a objetivação permite transformar conceitos abstratos em algo concreto, tornando o novo conhecimento tangível para um grupo social. Por meio desse processo, ideias e conceitos se concretizam em imagens concretas e palpáveis. A ancoragem é o processo de reduzir ideias estranhas a categorias comuns, tornando-as familiares. Isso é feito comparando o objeto ou ideia a um paradigma de categoria, adquirindo suas características. O objeto ou ideia é, portanto, reajustado ao sistema de categorias pré-existentes. A ancoragem permite que a novidade seja incorporada ao pensamento já construído do grupo, sob a pressão de seus valores (MOSCOVICI, 2012).

Os processos de objetivação e ancoragem são inter-relacionados e dinâmicos, pois as representações sociais operam continuamente um conjunto de relações e comportamentos de modo dinâmico. Esses processos permitem compreender como o sistema cognitivo interfere no social e vice-versa, possibilitando uma compreensão mais profunda da elaboração cognitiva (JODELET, 2001).

Com base na Teoria das Representações Sociais, entendemos que o conhecimento científico não é algo isolado e estático, mas sim construído e influenciado pelas representações sociais presentes em determinada época e grupo social. Nesse sentido, as representações sociais são vistas como formas de conhecimento elaboradas e compartilhadas pelos sujeitos, que surgem a partir do contato e interações com outros indivíduos do seu grupo social, como amigos, familiares, colegas de trabalho, entre outros.

É importante destacar que a construção de representações sociais acerca de gênero e sexualidade é influenciada por diversos fatores, tais como a cultura, as normas e valores sociais, as experiências pessoais e as relações interpessoais. Nesse contexto, as representações sociais de gênero e sexualidade podem tanto reforçar estereótipos e preconceitos, como também contribuir para a desconstrução e desnaturalização de ideias e conceitos pré-estabelecidos. Por isso, entender como essas representações são construídas e compartilhadas é fundamental para uma análise crítica e reflexiva sobre a sociedade e as relações humanas.

2.2 A Escola como objeto de Estudo em Representações Sociais

Na produção científica, a escola tem sido extensamente estudada, resultando em uma ampla variedade de trabalhos científicos disponíveis para pesquisa. Para realizar uma revisão

da literatura mais focada, foi realizado um levantamento no indexador *Educ@*, disponível no site da *Biblioteca Eletrônica Científica Online* (SciELO). A pesquisa utilizou os termos descritores “escolas”, “representações” e “sociais” no campo do título, o que resultou em 13 referências. Depois de uma leitura cuidadosa dos resumos, foram filtrados os resultados, selecionando os oito trabalhos que mais se relacionavam com a Teoria das Representações Sociais e que exploravam a temática da escola a partir dessa abordagem teórica.

Abaixo apresentamos uma breve súmula desses trabalhos selecionados.

Miranda, Placco e Rezende (2020) realizaram uma pesquisa que investigou as Representações Sociais (RS) sobre escola e sua influência na formação da identidade profissional de licenciandos em Química, com base na teoria das RS e na teoria da identidade profissional de Claude Dubar. Os resultados indicaram que os jovens possuem uma RS negativa do professor como um profissional com formação deficiente, o que pode levar a uma atuação em sala de aula de baixa qualidade. No entanto, os licenciandos enxergam a atuação na escola pública como uma oportunidade de agir de maneira contrária a essa RS.

O estudo de Nova e Machado (2014) aborda as representações sociais de escola em crianças, por meio do processo de objetivação. A pesquisa contou com a participação de 60 alunos de escolas municipais em Recife-PE e a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas e desenhos. Os resultados apontaram para a existência de elementos contraditórios na representação de escola, entre uma perspectiva de melhoria de vida para os alunos escolarizados e a condição de subalternidade para os não escolarizados. Esses resultados evidenciam que, para as crianças, a escola é percebida como um meio para superar adversidades e alcançar reconhecimento social.

O objetivo do estudo de Santana (2012) foi descrever a representação social da violência na escola por estudantes do ensino fundamental de duas escolas públicas da rede estadual de ensino de Salvador/BA. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, o que possibilitou compreender que a violência na escola está associada à agressão física e à criminalidade, e que os próprios alunos são os principais responsáveis pela sua produção. As representações da violência na escola revelam significados como desrespeito, discriminação, agressão física, verbal e psicológica, bem como violência escolar.

Withers e Ens (2011) investigaram as tensões e desafios enfrentados pelos pedagogos que trabalham em escolas municipais com atendimento em tempo integral em Curitiba - PR, utilizando a TRS. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 21 coordenadoras de escolas municipais em tempo integral, e os resultados indicaram que as representações sociais das pedagogas sobre seu trabalho revelam angústias, limitações e desafios em relação ao seu

cotidiano de trabalho, formação, condições de trabalho e necessidades no ambiente escolar. As representações também apontam que o processo de formação e desenvolvimento profissional é marcado por expectativas e limitações, sem sinalizar mudanças no papel social atribuído ao pedagogo.

Lima e Machado (2020) realizaram um estudo no âmbito de uma pesquisa de doutorado em Educação, que analisou as representações sociais das famílias dos alunos de escola pública construídas por professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Rede Municipal de Ensino do Recife-PE. O objetivo era compreender como essas representações influenciam suas práticas. As autoras identificaram que as representações sociais construídas pelas professoras refletem uma mistura de saberes de diferentes origens e apontam que as famílias delegam funções à escola por serem, em sua maioria, consideradas "desequilibradas". Os resultados indicam que essas representações sociais predominam um conteúdo negativo que direciona as práticas das docentes.

A pesquisa de Haddad e Cordeiro (2011) investigou a compreensão de 368 estudantes ingressantes nos cursos de Pedagogia de quatro universidades brasileiras (UFAL, UFMT, Unesp e UFMS) sobre as diferenças entre creche e pré-escola. Adotando a Teoria das Representações Sociais, foi utilizada a técnica de Associação Livre das palavras "creche" e "pré-escola" e questões fechadas de um questionário, os resultados confirmaram que para a maioria dos estudantes, creche e pré-escola são distintas devido às funções atribuídas a essas instituições, influenciando a imagem que as acadêmicas têm sobre o trabalho do profissional de Educação Infantil.

O estudo de Carbone e Menin (2004) investigou as representações sociais dos alunos do ensino fundamental e médio sobre a injustiça na escola, seus agentes e tipos de ações cometidas. Realizado em escolas públicas e privadas no município de Presidente Prudente entre 1999 e 2003, o estudo mostrou que os principais agentes de injustiça na escola, na visão dos alunos, são os professores e outros alunos. Os alunos de escola privada destacaram mais o professor como agente de injustiça do que os de escola pública, enquanto os alunos de escola pública manifestaram maior oposição às regras escolares que conflitam com suas necessidades pessoais.

O estudo de Medda (1995) investigou as representações sociais de professores e alunos sobre avaliação escolar e propôs a ação e reflexão coletivas como caminho para compreender o fenômeno no cotidiano escolar. Foram entrevistados nove professores e nove alunos de 5ª série em uma escola pública estadual de São Paulo. Os resultados destacam a necessidade do

trabalho dialógico, coletivo e crítico dentro da escola para lidar com as contradições presentes na avaliação e discutir seus contornos e finalidades.

No conjunto da produção analisada, verificamos que a escola tem sido amplamente investigada e se apresenta como um campo de estudos complexo e profícuo, capaz de revelar aspectos relevantes sobre a sociedade e sua relação com a educação. É na escola que as relações sociais são formadas e consolidadas, e é nesse contexto que as representações sociais sobre esse espaço são construídas. Por isso, a análise das representações sociais sobre a escola é uma proposta de pesquisa relevante, uma vez que permite entender como diferentes grupos que atuam nesse ambiente percebem e constroem seus significados, o que pode contribuir para uma melhor compreensão das práticas educativas e para a promoção de mudanças necessárias na educação.

2.3 Representações Sociais e Identidades LGBTQIAPN+

A partir do levantamento realizado na plataforma da Biblioteca Digital Scielo, foi possível perceber que a temática LGBTQIAPN+ tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores e pesquisadoras da área da Educação nos últimos anos. Usando o termo descritor "*lgbt*" (embora seja uma sigla desatualizada), foi possível encontrar na plataforma um total de 146 pesquisas que abordam a temática LGBTQIAPN+. Essas pesquisas incluem estudos sobre grupos LGBTQIAPN+ como objeto de pesquisa. A partir desses resultados, filtramos os estudos realizados exclusivamente na área da educação e os incorporamos ao nosso referencial teórico.

A seguir, apresentamos uma breve síntese dos oito trabalhos selecionados.

O trabalho de Vianna (2015) examina a relação entre o Estado e os movimentos sociais na elaboração de políticas públicas de educação para gênero e diversidade sexual. O estudo destaca avanços e retrocessos, e aponta contradições na comunicação entre o governo e o movimento LGBT. O autor argumenta que, ao introduzir questões de gênero e diversidade sexual na educação, o governo muitas vezes não considera as relações de poder subjacentes às identidades de gênero e aos papéis dos professores na escola.

Na mesma direção, o estudo de Sierra e Cesar (2014) analisa a relação entre diversidade sexual e dispositivos políticos que buscam categorizar as diferenças sexuais a partir da normalização e heteronormatividade. O texto usa o pensamento de Foucault para mostrar como os sujeitos LGBTQIAPN+ são produzidos a partir de seus corpos e práticas

afetivo-sexuais, resultando em uma captura da diferença sexual e limitando outros modos de vida.

O artigo de Freitas, Bermúdez e Mércan-Hamann (2021) apresenta entrevistas com jovens escolares LGBT que participaram de projetos de promoção da saúde e defesa dos direitos humanos em ambientes escolares. As entrevistas abordam temas como identidades, diversidade, violência, vivências afetivo-sexuais e saúde de jovens LGBT na escola. Os autores destacam que os projetos de educação em sexualidade e direitos humanos na escola podem proporcionar um espaço de troca e conhecimento entre pares, resultando em uma vivência mais humana e protetora da afetividade e sexualidade dos jovens LGBT.

O estudo de Faria, Gomes e Moderna (2022) buscou compreender as vivências e os sentidos do bullying em indivíduos LGBTQIAPN+. Foram realizadas entrevistas com 9 participantes, analisadas com base na teoria social do discurso e no software Kitconc 4.0. Os resultados indicam a presença constante de violências no ambiente escolar na trajetória dos participantes, bem como a ampliação do alcance do bullying devido ao avanço das tecnologias.

Vianna e Bortolini (2020) analisaram o uso do gênero nos planos estaduais e distrital de educação promulgados entre 2014 e 2016. Os resultados mostram que existem várias formas de incluir ou excluir o tema, incluindo veto, omissão, explicitação como um direito das mulheres e população LGBT, e uso parcial com referências aos direitos humanos. No entanto, a pesquisa aponta para o avanço de pautas conservadoras em vários planos, com exclusão do gênero, limitação da agenda LGBT e inclusão de itens que submetem a abordagem desses temas à concordância das famílias.

Tomizaki e Daniliauskas (2018) conduziram uma revisão crítica de pesquisas brasileiras realizadas na última década que exploram as relações entre educação, juventude e política. Eles usaram dados de um estudo sobre o engajamento político de jovens LGBTQIAPN+ para discutir as potencialidades e limitações da discussão sobre esse tema. A pesquisa examina como as instâncias formativas se relacionam com a política e destaca as diferentes formas de engajamento e participação política dos jovens, bem como suas motivações e significados.

Resgatando a problematização para o espaço escolar, o trabalho de Pinho e Pulcino (2016) busca compreender as noções de cultura e identidade e refletir sobre a história e a atuação dos movimentos LGBTQIAPN+. A partir disso, eles propõem formas de superar as práticas escolares heteronormativas. Seus resultados sugerem que o pensamento intercultural crítico e pós-moderno pode ajudar a desconstruir os mecanismos de exclusão das diferenças sexuais na escola, que é vista como um espaço para discussão e desconstrução de paradigmas,

onde é possível pensar, refletir e compreender a perspectiva do outro, e onde é possível ser diferente.

Para além do papel educativo da escola, reconhecemos que a família, a instituição religiosa e os movimentos sociais também influenciam nossa forma de ser e agir no mundo. O estudo de Longaray e Ribeiro (2015) analisa as narrativas de sujeitos LGBTQIAPN+ para compreender como suas subjetividades são construídas nesses espaços sociais. Os resultados indicam que a família exerce pressão para a coerência entre sexo e gênero, enquanto as instituições médicas buscam diagnosticar condições. Na esfera religiosa, práticas transgressoras são condenadas, enquanto o movimento LGBTQIAPN+ direciona as práticas dos sujeitos para a conformidade com a política do movimento.

A discussão sobre as representações e sujeitos LGBTQIAPN+ na escola é de extrema importância, pois se trata de uma questão de direitos humanos e de respeito à diversidade. A escola deve ser um espaço de aprendizagem e convivência democrático e acolhedor, em que todas as pessoas possam se sentir seguras e valorizadas. No entanto, sabemos que esse ambiente não é imune às influências sociais e culturais que permeiam nossa sociedade, e que muitas vezes isso se reflete nas representações e práticas escolares. Nesse sentido, entender como os professores LGBTQIAPN+ constroem suas representações de escola é fundamental para promover uma educação mais inclusiva e democrática.

Considerando a produção científica sobre o tema, esta pesquisa objetiva investigar as representações sociais de escola construídas a partir das trajetórias escolares e docentes de professores LGBTQIAPN+ que atuam na educação básica.

3 Delineamento Metodológico

Para investigar as representações sociais dos professores LGBTQIAPN+ sobre a escola, adotamos uma abordagem qualitativa que enfatiza a contextualização e a valorização das experiências humanas, como afirmam Dal-Farra e Lopes (2013, p.71).

Inicialmente, buscamos identificar e convidar professores/as, que se identificam dentro da comunidade LGBTQIAPN+, a participarem do estudo por meio de um formulário online compartilhado nas redes sociais. Para a coleta de dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas nas quais pedimos aos participantes que compartilhassem suas histórias de vida escolar e experiências como professores/as, enfatizando suas vivências enquanto sujeitos LGBTQIAPN+. Nesta investigação partimos da noção de trajetória definida por Bourdieu (1986, p.189) como "uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente

(ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações".

A pesquisa contou com a participação de 12 docentes da educação básica de escolas públicas e privadas localizadas em Recife-PE e Região Metropolitana. A identidade de gênero e orientação sexual dos participantes foram registradas. Do grupo investigado, sete sujeitos se identificaram como homens cisgêneros, sendo seis homossexuais e um pansexual. Três mulheres cisgêneras se identificaram como bissexuais, e duas pessoas não-binárias, ambas homossexuais, também participaram do estudo. É importante destacar que a presença de diferentes identidades de gênero e orientações sexuais no estudo permite uma compreensão mais ampla das experiências dos sujeitos LGBTQIAPN+ na escola.

A formação acadêmica dos 12 docentes da educação básica que participaram da pesquisa, todos eles possuem graduação em cursos superiores de Licenciatura. Os cursos citados foram Pedagogia (4), Letras Português/Inglês (2), História (2), Geografia (2), Educação Física (1) e Letras Português/Espanhol (1).

Sobre as disciplinas lecionadas pelos participantes da pesquisa, dos 12 docentes, 3 são polivalentes, o que significa que atuam em diferentes áreas de ensino, enquanto 3 ensinam Português e 2 ensinam Língua Inglesa. Além disso, há 2 professores de História, 1 de Geografia e 1 de Educação Física.

Após a coleta dos dados, o material foi transcrito e cuidadosamente analisado utilizando a técnica de Análise de Conteúdo, desenvolvida por Bardin (2007), a fim de sistematizar as informações coletadas em categorias relevantes para a pesquisa. Essa técnica permite uma análise abrangente e aprofundada do universo investigado, possibilitando uma melhor compreensão dos dados. Nas seções seguintes, apresentaremos os resultados obtidos a partir da análise dos dados coletados.

4 Apresentação e Análise dos Dados/ Resultados

Os resultados decorrentes das entrevistas com os docentes foram organizados em duas categorias temáticas: *As Trajetórias Escolares de Professores LGBTQIAPN+*; e *Professores LGBTQIAPN+ e suas Trajetórias Docentes*.

4.1 As Trajetórias Escolares de Professores LGBTQIAPN+

A primeira categoria enfatiza as trajetórias de escolarização dos participantes. As narrativas destacam elementos relacionados aos *processos de acolhimento no ambiente escolar*; as *vivências de preconceito e discriminação no contexto da escola*; e a *construção identitária e seus reflexos no desempenho escolar*.

4.1.1 Processos de acolhimento no ambiente escolar

Esta subcategoria diz respeito às relações estabelecidas com os demais alunos, professores e gestores durante sua trajetória escolar. Os depoimentos dos participantes sugerem que a escola é um ambiente pouco acolhedor e com pouca abertura para lidar com a diversidade presente neste espaço. Os participantes fazem referência a outros professores e outros alunos LGBTQIAPN+, mas afirmam que no seu processo de escolarização o comportamento desviante do padrão cis-heteronormativo costumava ser silenciado e reprimido na escola. De acordo com os docentes:

Não era uma escola que queria trazer essa temática para a sala de aula, mesmo a gente tendo professores que eram gays, sejam de Artes ou de coreografia e a gente sabia que era gay pela postura ou algum estereótipo que a gente já carrega, mas a gente não conversava sobre isso. (Cátia)⁴

Acolhimento simplesmente não se dava. Eram os anos 90, 2000, não lembro de ter nenhum acolhimento nesse sentido. A gente ia para a escola, era jogado lá e pronto, a gente estava “solto” no mundo como até hoje em dia, e encontrando enquanto pessoa LGBT os nossos meios, nossas pessoas, os nossos vínculos. (Erotides)

As experiências desses sujeitos enquanto estudantes indicam que a manutenção do sigilo sobre a sexualidade se configura como um mecanismo de defesa dos sujeitos para evitar a exclusão social no ambiente escolar, devido à heteronormatividade expressa em normas reguladoras de gênero. Afirmam os sujeitos:

Durante toda a minha educação básica eu não me identificava enquanto uma pessoa LGBTQIA+ e fazia um esforço muito grande para que as pessoas que me cercavam, inclusive no âmbito escolar, também não percebessem ou desconfiassem que internamente eu fazia parte desse grupo. Então eu fazia um esforço muito grande para me encaixar nos padrões de heteronormatividade, que me era imposto. (Rafael)

Durante a escola a vivência LGBTQIA+ era muito limitada, pois além de reprimir isso em mim, não via abertura das pessoas em volta inclusive dos meus amigos mais próximos, mesmo sabendo intrinsecamente que eles provavelmente estariam nos mesmos conflitos que eu. (Henrique)

⁴ Em respeito às normas éticas substituímos os nomes verdadeiros dos estudantes por nomes fictícios, a fim de preservar a identidade dos sujeitos participantes.

Eu sempre me mantive muito escondido pelo fato de que eu tinha certos medos e não estava preparado ainda para me assumir. Então era algo meio disfarçado, era uma época mais difícil. Eu passei muito tempo da minha vida tentando disfarçar. (Ricardo)

Longaray e Ribeiro (2015) afirmam que a heteronormatividade é uma construção social que se manifesta em diversas esferas da sociedade, impondo normas rígidas de comportamento sexual e de gênero. Essas normas acabam por excluir e discriminar determinadas identidades, tornando-as invisíveis e negando-lhes espaço para se expressarem.

Por outro lado, aqueles que relatam expressar publicamente sua sexualidade na escola, revelam que esse comportamento exigia uma postura subversiva e resiliente diante da opressão enfrentada nesses ambientes. Apesar disso, eles reconhecem o apoio de professores e colegas na escola que foram fundamentais para assumirem sua identidade sexual. Afirmam:

Não tinha isso na escola como instituição, mas eu tinha por parte dos meus colegas, onde eu sentia um conforto maior para falar sobre certos temas. Não à toa que eu “saí do armário” primeiramente pros meus amigos da escola e depois para a minha família, por eu ter uma familiaridade maior com eles. (Leonan)

Em um ambiente plural como a escola, o respeito não é unânime, mas a falta dele era muito pontual, a ponto de não me incomodar por não se demonstrar como uma violência em potencial. Então sempre tive muito respeito por parte de amigos, colegas, professores, gestores. Na verdade, sempre tive um laço muito forte com as pessoas que eu tive contato, deixando essa questão muito secundária, nunca foi algo que me marcou ou que me afetou de forma negativa. (Stefani)

A maioria dos docentes entrevistados relata que, ao assumir sua condição de pessoa LGBTQIAPN+, precisaram adotar uma postura combativa e reativa frente ao tabu da sexualidade. Por outro lado, alguns participantes preferiram manter sua orientação sexual em sigilo, com receio de sofrer discriminação. As trajetórias escolares apresentadas evidenciam a falta de acolhimento e inclusão da diversidade presente na escola, apontando para a necessidade de se discutir a temática LGBTQIAPN+ na comunidade escolar.

4.1.2 Vivências de preconceito e discriminação no contexto da escola

De acordo com as entrevistas realizadas, as trajetórias escolares da maioria dos participantes mostram-se atravessadas por situações de preconceito e discriminação. Infelizmente, no ambiente escolar, a prática de bullying torna-se comum e frequente nas experiências desses sujeitos. A maioria dos docentes relatou ter vivenciado lgbtfobia de forma explícita ou velada na escola. Afirmam os participantes:

[...] sempre estava em uma relação de *bullying* por causa do meu peso (eu era gordinha) e também pelo fato de eu ser uma criança afeminada. Sempre nas relações com os meus colegas, eu ouvia alguma coisa. Além disso, era cristão evangélico e tinha a questão de pensar que isso era uma doença, algo do demônio, isso foi piorando até eu tentar o suicídio (Arwen).

As experiências marcantes que eu tenho estão muito ligadas com preconceito, homofobia não me lembro de nenhum momento, nesse sentido, que tenha sido positivo. Inclusive eu não tenho boas lembranças da escola, então eu meio que apaguei, sublimei a escola. Engraçado, porque paradoxalmente eu voltei a ser professor agora, talvez seja no sentido de salvar pessoas que podem passar pelo que eu passei. (Erotides)

Os fragmentos das falas expressam a gravidade da violência praticada contra pessoas LGBTQIAPN+ no ambiente escolar, desde pequenos gestos discriminatórios até episódios de agressão verbal e física que afetam profundamente a autoestima desses indivíduos, podendo até levá-los a considerar medidas extremas contra si mesmos.

A maioria dos entrevistados relata ter sido vítima de bullying durante sua trajetória escolar e mesmo aqueles que não foram alvo direto, testemunharam a prática de discriminação contra outros colegas. Isso evidencia a existência de atitudes preconceituosas no espaço escolar.

E não posso dizer que fui discriminado na escola por ser uma pessoa LGBTQIA+ porque as pessoas ao meu redor não sabiam, mas isso não quer dizer que eu não sofria homofobia, porque o maior homofóbico era eu, que cometi uma série de violências contra mim mesmo, justamente por não ter acesso ao debate do ponto de vista científico e psicológico e a escola ser negligente no cumprimento desse papel. (Rafael)

Sempre rolavam certos comentários do tipo "*hummm*". Mas *bullying* e homofobia às claras, nunca senti por parte deles. Como convivia com um grupo muito grande e sólido que me acompanha até hoje, talvez tenha sido blindado de determinadas situações. (Henrique)

Alguns participantes relataram que esconderam a sua condição sexual ou assumiram um padrão de heteronormatividade para evitar a discriminação e o preconceito na escola. Essas experiências destacam a importância de se discutir a construção da masculinidade controlada, que contribui para a perpetuação do bullying contra pessoas LGBTQIAPN+ no ambiente escolar, como apontado por Faria, Gomes e Moderna (2022) em sua pesquisa. Esse tipo de violência não apenas prejudica o desenvolvimento da vítima, mas também as relações na comunidade escolar.

O estudo de Santana (2012) sobre as representações dos estudantes em relação à violência na escola demonstra a inter-relação de diversos mecanismos históricos, sociais,

políticos e culturais que compõem o que conhecemos como violência. Isso inclui tanto o desrespeito e a discriminação, quanto a agressão física, verbal e psicológica. As falas dos participantes indicam que o preconceito era uma prática frequente no ambiente escolar, levando à criação de mecanismos de defesa para a sobrevivência nesse espaço.

4.1.3 Construção identitária e seus reflexos no desempenho escolar

Esta subcategoria indica o impacto da violência contra grupos LGBTQIAPN+ no desempenho escolar desses sujeitos. As marcas deixadas pelas vivências de preconceito e discriminação dentro das instituições escolares podem influenciar diretamente a permanência e o sucesso acadêmico desses indivíduos.

Embora muitos dos entrevistados afirmem ter um bom desempenho na escola, é possível observar que as situações de preconceito e discriminação enfrentadas por eles são um obstáculo para alcançar todo o seu potencial. Essas vivências podem afetar a autoestima e o bem-estar emocional dos estudantes, interferindo em sua concentração e motivação para os estudos. Eis o que dizem os docentes:

Comecei a ter dificuldade em Matemática por causa de uma professora da 4ª série que era uma professora muito rígida e teve uma situação em que eu estava conversando em sala de aula e ela simplesmente chamou minha atenção, pegou minha cadeira, me colocou na frente da sala, gritando comigo e me humilhando na frente de todo mundo e você querendo enfiar a cabeça dentro de um buraco e sumir (Cátia)

O meu desempenho escolar poderia ser melhor se a escola fosse um lugar melhor de aceitação. Mas fui bem melhor do que a escola esperava, eu sempre gostei de estudar, não gostava da escola, mas sempre gostei de estudar, sempre fui curioso. (Erotides)

Embora os docentes tenham enfrentado obstáculos relacionados à sua orientação sexual e identidade de gênero, eles demonstram um grande comprometimento com seus estudos e um desempenho escolar exemplar. Essa resiliência é ainda mais admirável, considerando-se as múltiplas formas de discriminação e violência que muitos deles enfrentaram no ambiente escolar.

Eu sempre tive essa noção de que era algo à parte e que eu tinha um futuro brilhante pela frente, porque eu queria passar na faculdade e que eu não iria deixar essas coisas virarem grandes pedras no meu caminho. Eu buscava colocar meus anseios e dores no bolso e seguia. (Leonan)

Sempre fui uma pessoa que me dedicava muito para meus estudos, sempre me exigia bastante em relação a isso. Na maioria das vezes criava uma relação positiva com os professores, pois eles sentiam que estava sempre me

esforçando para me sair bem nas provas e aprendizado. Com a equipe gestora igualmente, sempre senti que eles acabavam depositando mais confiança em mim e meus amigos por nosso senso de responsabilidade. (Henrique)

No entanto, é importante ressaltar que nem todos os estudantes possuem a mesma capacidade de superar esses desafios, e muitos sofrem com consequências negativas em seu desempenho acadêmico. Campos, Lopes e Santos (2020) afirmam que os processos de exclusão presentes na escola são complexos e estão interligados com as estruturas sociais, tais como a dominação, hegemonia e reprodução da desigualdade social. Essas estruturas atuam de forma a manter uma ordem social hierarquizada, em que alguns grupos são privilegiados em detrimento de outros. Os docentes revelam:

Eu sempre fui considerado um bom aluno e de repente o meu rendimento escolar começou a cair muito durante o ápice da depressão e aí eu me via obrigado a ter que levar declarações médicas para a escola para que eles tivessem o entendimento de que a queda no meu desempenho escolar se devia a um processo patológico, e não de qualquer outra natureza. Ser um adolescente LGBTQIA+ dificultou ou comprometeu o meu acesso à educação por ter me afetado muito no sentido psiquiátrico. (Rafael)

[...] eu reprovei a 6ª série duas vezes e foi daí que eu percebi que de fato eu tinha que estudar para passar, e eu não entendia esse conceito antes, pode ser que tenha caído a ficha tarde demais. (Eudes)

Em face do exposto, podemos afirmar que as representações que os professores constroem sobre a escola estão intimamente relacionadas às suas experiências enquanto estudantes, as quais se caracterizam por um ambiente de múltiplas práticas de aprendizagem e acolhimento, mas também de exclusão e preconceito.

Os relatos dos sujeitos entrevistados revelam que a escola é ancorada como um ambiente de construção de conhecimentos que prepara para o ingresso no ensino superior, o que possibilitou que eles voltassem a esses espaços, agora, como docentes. Apesar disso, nela se objetivam práticas de violência e discriminação, que afetam especialmente aqueles que não se enquadram no padrão cis-heteronormativo imposto pela sociedade.

4.2 Professores LGBTQIAPN+ e suas Trajetórias Docentes

Nesta categoria, analisamos as trajetórias docentes dos/as professores/as investigados. A partir do material coletado, destacamos elementos das entrevistas que tratam das *relações estabelecidas com a comunidade escolar, os professores LGBTQIAPN+ e seu papel na escola, bem como a evolução da escola na inclusão e respeito à diversidade*.

4.2.1 Relações estabelecidas com a comunidade escolar

Os participantes do estudo relataram que, ao se tornarem docentes, passaram a adotar estratégias para promover o diálogo sobre a diversidade e tornar a escola um ambiente mais acolhedor e seguro para os grupos LGBTQIAPN+. Tais ações são fundamentais para a promoção de uma cultura escolar mais inclusiva e para o fortalecimento da identidade e do bem-estar dos profissionais e dos estudantes. Afirmam:

Eu tento conversar, debater com os professores que estão em sala comigo, com os meus colegas de trabalho em relação a isso, Por que eu tenho colegas de trabalho que são mais velhos e conversamos sobre, debatemos, eu trago novas abordagens e é bem interessante a troca que a gente faz. (Helena)

É prazeroso trabalhar lá porque todo o meu círculo de amigos são pessoas excelentes, por mais que eu perceba que tem pessoas que não entendam isso ainda e têm um certo preconceito, eu converso abertamente com essas pessoas e muitas vezes eles querem quebrar isso e me perguntam alguma coisa sobre meu relacionamento e acho que é um passo para quebrar certas coisas que tem na cabeça. (Ricardo)

Os entrevistados percebem que hoje em dia o ambiente da escola é mais aberto ao diálogo sobre gênero e sexualidade. Apesar disso, identificam alguns preconceitos por parte dos professores e alunos. Afirmam:

E eu consigo perceber esses elementos inclusive dentro da escola entre meus pares, os colegas que são professores muitas vezes despreparados, preconceituosos, munidos de discursos homofóbicos que dão continuidade e não fazem nenhum esforço para acolher, de fato. (Rafael)

Sempre mantive a postura de que ali era um ambiente profissional que a minha vida pessoal não precisa necessariamente estar o tempo todo como centro da conversa. Eu ia de unha pintada, todo mundo sabia que eu era um professor LGBT, mas algumas professoras faziam questão de tocar sempre nesse assunto como se fosse para me incomodar. (Arwen)

Eu acho que consigo ter o respeito dos meninos, que eu achava que poderia rolar muita homofobia dos alunos comigo enquanto professor, até rola, a gente percebe mais brincadeiras, que também são homofóbicas mas não podemos viver hipervigilantes, como tinha dito, hiper focado ou problemático porque às vezes é mais uma brincadeira. É ruim, na minha perspectiva, mas para aquele estudante que não é LGBTQIA+, às vezes é realmente só uma brincadeira. (Erotides)

A partir dos relatos dos docentes, fica evidente que ainda existem muitas tensões na relação com os estudantes e outros colegas de trabalho em relação à diversidade de gênero e sexualidade. Essas tensões são decorrentes de diversos fatores, tais como a pressão familiar

dentro do ambiente educacional, a falta de políticas educacionais voltadas para esses assuntos e a postura conservadora de alguns profissionais em relação às questões de gênero e sexualidade na escola.

Embora os docentes afirmem que têm uma boa convivência com os demais professores, ainda há uma resistência em debater questões referentes à comunidade LGBTQIAPN+ e em combater comportamentos lgbtfóbicos que impedem o avanço da escola em relação à inclusão. Conforme destacado por Faria, Gomes e Moderna (2022), é preciso incentivar um enfrentamento direto dessas questões e estimular a comunidade escolar a debater e proteger crianças e adolescentes que são alvo da hegemonia cis-heteronormativa.

4.2.2 Professores LGBTQIAPN+ e seu papel na escola

Os participantes descrevem seu papel como docentes indo além das obrigações em sala de aula. Eles enfatizam sua intervenção em situações relacionadas a gênero e sexualidade na escola, buscando problematizar atitudes discriminatórias entre os estudantes. Para isso, desenvolvem práticas educativas que envolvem a comunidade escolar no debate, incluindo a temática nos planos de aula, acolhendo e dialogando com os estudantes para desconstruir estereótipos de gênero e promover a discussão de pautas de diversidade.

[...] busco ter sempre em mente as dificuldades do que foi ter que lidar com esses processos do que é ser um estudante LGBTQIA+ em uma sociedade extremamente preconceituosa, heteronormativa. Então eu busco ter uma visão muito sensível e nas minhas aulas sempre promover um debate sobre essas temáticas. E sempre que eu presencio algum ato de preconceito, de homofobia em sala de aula, eu paro qualquer conteúdo que eu esteja dando para problematizar algumas falas, para tentar explicar sobre as origens desse preconceito e para reforçar o direito de liberdade das pessoas, que elas devem ser o que são sem ter peso nenhum na consciência. (Rafael)

Promovo sempre debates e incentivo a participação dos alunos enfatizando que naquele espaço não há lugar para falas e atitudes que não condizem com o respeito ao próximo e com a dignidade e diversidade humana, enfatizando sempre situações que eram comuns acontecer e que hoje não podemos mais aceitar e ser conivente. (Henrique)

Eu acho que a gente tem que buscar estratégias que tratem o assunto com naturalidade por que tá em todo canto, tá na novela, no filme, na revista, no desenho, no jornal. Então o aluno vai ter contato com isso e vai levar essa curiosidade para a escola. Então a gente tem que buscar estratégias para tratar isso de forma natural, a fim de que eles saibam e conheçam que existem outras configurações de gênero e sexualidade e que todo mundo deve ser respeitado. (Stefani)

Com base nas entrevistas realizadas, os professores demonstram ações assertivas na intervenção de problemáticas relacionadas a gênero e sexualidade em sala de aula. Almejam ser a figura de apoio e acolhimento que não tiveram enquanto alunos e se dedicam a proteger e orientar seus estudantes. Para muitos docentes, ser uma referência positiva para seus alunos é uma responsabilidade importante, que inclui resolver conflitos e fornecer orientações que contribuam para o bem-estar e desenvolvimento integral dos estudantes.

O que eu gostaria que tivessem feito comigo, eu fiz e faço com os alunos que eu trabalho. Quando têm situações desse tipo eu faço o possível para eles entenderem o contexto social de uma forma didática, claro, pois eu trabalho com crianças na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, e algumas coisas eles não entendem, mas reproduzem, falas e crenças dos pais e da família e eu tento ir podando isso para não se tornar uma coisa concreta deles. (Helena)

Eu gosto de pensar que eu me formei para ser o professor que eu não tive e gostaria de ter. E tomando isso como ponto nodal, trazer o diálogo amigo e uma acolhida para esse tipo de aluno para que ele se reconheça dentro desse espaço escolar, onde ele vai ter um professor com vivências e que conseguiu driblar essas nuances e pequenos tons da sexualidade e o que isso traz em cada fase da nossa vida e fazer com que essa passagem seja menos traumática e com menos estigmas possíveis. (Leonan)

As falas dos docentes destacam a importância das experiências pessoais na sensibilização para identificar situações de preconceito e lgbtfobia no ambiente escolar. Eles buscam promover o respeito à diversidade, combater práticas discriminatórias e incentivar o sentimento de pertencimento e orgulho nos estudantes. De acordo com Pinho e Pulcino (2016), a escola desempenha um forte controle heteronormativo, presente em seus discursos, silêncios e práticas, e é fundamental problematizar e denunciar os mecanismos de exclusão presentes no cotidiano escolar. As práticas dos docentes entrevistados convergem para essa direção, utilizando o diálogo para desconstruir preconceitos na escola e dar visibilidade a temas sensíveis ao debate na sociedade.

4.2.3 A Evolução da Escola na Inclusão e Respeito à Diversidade

Nesta última subcategoria, analisamos a percepção dos docentes a respeito de suas próprias experiências de escolarização e sua trajetória como professores na escola atual. Durante as entrevistas, os participantes destacaram os avanços conquistados na escola em relação ao diálogo sobre as questões de gênero, identidade e sexualidade. No entanto, eles enfatizaram que ainda há muito a ser feito para garantir a inclusão plena dos grupos minoritários. Os docentes afirmam:

Sem dúvidas, a escola de hoje em dia é muito mais acolhedora (mas depende da escola), a sociedade está muito mais acolhedora, apesar de não ser perfeita, ela está muito mais acolhedora do que há 10 anos atrás. A pauta de hoje em dia é transsexuais dentro da escola, o Governo do Estado de Pernambuco tem um link dentro do site da Secretaria de Educação para os estudantes que querem alterar o nome social. Na minha época isso era abominável, um absurdo e hoje essa oportunidade existe. (Eudes)

A sociedade evoluiu muito, então se a sociedade evolui, porque isso não se reflete na escola? Hoje ainda existe muita violência, muito bullying, muito o que avançar, mas é possível perceber também que essas pessoas estão tendo mais espaço, justamente porque os alunos, professores e gestores estão mudando a forma de pensar esse tema, buscando conhecer mais o assunto, estudar mais e lidar de maneira mais respeitosa com essa causa. (Stefani)

Entendemos a partir desses relatos que as escolas refletem a sociedade e aparentam ser mais inclusivas, porém ainda há resistência em discutir a diversidade. Destacamos que, na visão de Freitas, Bermúdez e Mércan-Hamann (2021), as escolas são espaços privilegiados para promoção de práticas e intervenções que contribuam para o bem-estar da população LGBT, mas ser jovem LGBT no ambiente escolar é um desafio, devido aos avanços e retrocessos da política educacional no Brasil. Os participantes relatam que as crianças e adolescentes são mais acolhidas atualmente, mas os profissionais nem sempre tratam respeitosamente situações de discriminação sexual e de gênero. Comentam:

[...] Coordenadores e diretores, muitas vezes não se importam quando chega alguma criança que diz que estão chamando ela por algum apelido maldoso, que se referiria à homofobia ou transfobia. Acredito que a gente evoluiu de alguns anos pra cá, mas ainda tem muito a evoluir. Eu sinto que essas instituições educacionais precisam prestar mais atenção a esses casos e aprender a lidar com eles. (Luna)

Eu tenho pouca experiência em escola, mas pelo o que eu vejo, eu acho que ainda não temos escolas inclusivas. Acredito que melhoramos um pouco, estamos fazendo mais barulho e reivindicando o que é nosso, mas vejo muito acontecer, principalmente em escolas que trabalhei que são de classe média alta e isso é uma problemática pesada demais porque foram nesses lugares em que eu vi mais acontecer questões de homofobia, lesbofobia e transfobia e acho que não está sendo inclusivo. (Amanda)

Os participantes indicam que os alunos têm papel importante na promoção do debate sobre gênero e sexualidade na escola, trazendo demandas como o nome social para pessoas transgêneras. No entanto, destacam que nem sempre os profissionais da instituição lidam com essas demandas de maneira respeitosa e livre de preconceitos.

Freitas, Bermúdez e Mércan-Hamann (2021) apontam que a escola pode ser um espaço privilegiado para a formação de reconhecimento, respeito e inclusão de jovens

LGBTQIAPN+, mas o desafio é inspirar novos olhares para essa minoria que clama por seus direitos. Os docentes reconhecem que a escola não pode fazer essa inclusão sozinha e que estudantes e professores são responsáveis por trazer essas pautas para o espaço escolar. De acordo com os participantes:

Eu acredito que exista sim, o debate, uma busca mais ativa por novas práticas e condutas pedagógicas que incluam essas pessoas e reconheçam a existência delas, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido e que todo debate é inicial, tudo é muito inicial ainda, falar sobre o tema é delicado. A gente que trabalha na docência, sabe que a nossa profissão é uma das que mais sofre mais interferências externas, mas a gente trabalha com o que tem, se adequando aos moldes, saindo deles quando necessário e ainda tem um longo caminho a ser percorrido e depende de nós educadores, da nossa luta e do nosso ativismo pedagógico. (Leonan)

As estratégias de intervenção dos professores estão pautadas no acolhimento e no debate das questões de gênero na escola para que ela possa se tornar um espaço seguro no qual os alunos estabeleçam vínculos de amizade, de confiança e respeito entre pares.

Diante do exposto, os relatos dos participantes acerca de suas trajetórias docentes apontam para a construção de uma representação sobre a escola objetivada num ambiente em que se estabelecem relações de trabalho atravessadas por tensões, apesar do esforço em dialogar sobre os temas que perpassam o ambiente escolar e informam que as escolas avançaram na discussão da diversidade social, mas que os avanços ainda não são suficientes para garantir a inclusão plena dos grupos minoritários.

Assim, a Teoria das Representações Sociais constitui um estudo científico do senso comum, modalidade de conhecimento que está ligada à realidade dos grupos e categorias sociais, possibilitando seus membros a construir uma visão de mundo, contribuindo para sua identidade social (JODELET, 2001). Nessa perspectiva, a análise das trajetórias escolares e docentes dos participantes indicam que a escola é marcada por dinâmicas de acolhimento e exclusão, além de proporcionar aprendizados. Esse fator possibilita a construção de diálogos e debates acerca da diversidade de gênero e sexualidade presente nesse espaço. No entanto, ainda carece de avanços para se tornar um espaço inclusivo para grupos minoritários, sobretudo a comunidade LGBTQIAPN+.

5 Considerações Finais

Este estudo compreende uma investigação sobre as representações sociais construídas por professores LGBTQIAPN+ acerca da escola. Inspirado na Teoria das Representações

Sociais de Moscovici, o trabalho buscou compreender a trajetória escolar e docente desses profissionais, bem como as representações sociais que eles têm da escola.

No decurso das trajetórias escolares, detectamos representações que conferem à escola um papel dual: por um lado, ela é objetivada como um espaço onde ocorrem práticas de violência e discriminação podem ser materializadas. Por outro lado, a escola é ancorada como um ambiente de acolhimento, resistência e construção de conhecimentos que prepara os indivíduos para o ensino superior. Ao retornarem como professores, as trajetórias revelam que esses profissionais buscam implementar as mudanças que desejavam quando eram estudantes. Apesar das tensões presentes nas relações de trabalho, esses professores buscam ser agentes de mudança, comprometidos em coibir atitudes discriminatórias e contribuir para a construção de um ambiente plural e mais seguro.

Ao tornarem-se professores, suas representações acerca da escola se transformam, assim como os sujeitos acabam por transformar a si mesmos nesse processo. Apesar de resistirem aos mecanismos de opressão da sexualidade presentes no ambiente escolar, os sujeitos afirmam que ainda enfrentam dinâmicas repressivas, o que reforça a importância da reivindicação da escola como um espaço de direito e segurança para todos.

A docência, portanto, não se resume ao ensino de conteúdos, mas também envolve a ampliação de debates em prol do reconhecimento da diversidade presente no ambiente escolar. Embora a escola reproduza preconceitos sociais, ela pode ser um lugar propício para o diálogo e a desconstrução de paradigmas. No entanto, isso só é possível com a participação da comunidade escolar, através do reconhecimento e valorização da diversidade presente em seu interior.

Indicar as representações sociais que os grupos escolares constroem sobre a escola permite compreender como o conhecimento que circula acerca desse objeto vem sendo elaborado pelo senso comum e compartilhado nas interações dos grupos sociais. Dessa forma, a investigação busca contribuir para o campo da educação ao abordar a escola sob a perspectiva de identidades de gênero e sexualidade, no esforço de problematizar percepções e práticas que se reproduzem e perpetuam a violência e discriminação no ambiente escolar. Além disso, o estudo das representações sociais da escola sob a perspectiva de gênero e sexualidade pode fornecer material científico que ajude a compreender como as práticas e percepções podem ser transformadas, atribuindo novos significados ao contexto escolar. Essa compreensão é crucial para que sejam tomadas medidas efetivas de combate à discriminação e à violência no contexto escolar.

Embora a pesquisa apresente uma visão preliminar das questões relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade na escola, compreendemos a necessidade de expandir sua abrangência, incluindo mais subgrupos da comunidade LGBTQIAPN+ e outros sujeitos que ocupam diferentes posições na comunidade escolar. Apesar disso, os resultados obtidos demonstram que a pesquisa pode ser um instrumento crucial para inspirar mudanças positivas e promover a inclusão de todos os indivíduos na escola. A partir dessa perspectiva, torna-se possível identificar e problematizar práticas discriminatórias e construir estratégias eficazes para lidar com elas, fomentando um ambiente escolar acolhedor e inclusivo para todos.

Este estudo é um chamado para ações concretas em prol da inclusão e do respeito à diversidade no ambiente escolar, no esforço de garantir que os estudantes e profissionais da educação se sintam acolhidos e respeitados em suas identidades de gênero e orientações sexuais, para que possam desenvolver todo o seu potencial e contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. Pesquisas sobre a escola e pesquisas no cotidiano da escola. **EccoS-Revista Científica**. São Paulo, v. 10, n. especial, p. 133-145, 2008.
- ARRUDA, A. Feminismo, gênero e representações sociais. In: HOLLANDA, H. Buarque (org.). **Pensamento feminista brasileiro - formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 335-355
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2007.
- BOURDIEU, P. L'illusion biographique. **Actes de La Recherche em Sciences Sociales**. v. 62-63, jun., p. 69-72, 1986
- _____. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1999
- CAMPOS, P. H. F.; LOPES, M. J. e SANTOS, S. R. M. Escola Sob O Olhar De Alunos Das 'Classes De Aceleração': Um Estudo De Representações Sociais. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** [online]. 2020, vol.36, n.3, pp.928-948.
- CARBONE, R. A.; MENIN, M. S.S. Injustiça na escola: representações sociais de alunos do ensino fundamental e médio. **Educ. Pesqui.** [online]. 2004, vol.30, n.02, pp.251-270.
- DAL-FARRA, R. A., & LOPES, P. T. C. (2013). Métodos mistos de pesquisa em educação: Pressupostos teóricos. **Nuances: Estudos sobre Educação**, 24, 67-80.

- FARIA, M. A.; GOMES, M. C. A.; MODERNA, C. M. “Mar de bullying”: turbilhão de violências contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais na escola. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, e 241630, 2022.
- FREITAS, S.; BERMÚDEZ, X. P. D.; MÉRCHAN-HAMANN, E. Sentidos atribuídos por jovens escolares LGBT à afetividade e à vivência da sexualidade. **Saúde Soc.** São Paulo, v.30, n.2, e190351, 2021.
- GALLI, I. A teoria das representações sociais: do nascimento ao seu desenvolvimento mais recente. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 11, n. 24. 2014.
- HADDAD, L. e CORDEIRO, M. H. Representações sociais de ingressantes de pedagogia sobre creche e pré-escola: um estudo em quatro estados brasileiros. **Rev. Diálogo Educ.** [online]. 2011, vol.11, n.32, pp.15-35.
- JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001
- LIMA, A.; MACHADO, L. B. Um estudo sobre famílias de alunos de escola pública nas representações sociais construídas por docentes. **Rev. Diálogo Educ.** [online]. 2020, vol.20, n.66, pp.1332-1356.
- LONGARAY, D. A.; RIBEIRO, P. R. C. **Revista Brasileira de Educação** v. 20 n. 62 jul.-set. 2015
- LOPES, T. J. S. As Representações Sociais e a Educação. **XI Congresso Nacional De Educação – EDUCERE**. Formação Para Mudanças No Contexto Da Educação: Políticas, Representações Sociais E Práticas. Curitiba, 2013.
- MARQUES, P. B.; CASTANHO, M. I. S. O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo. V. 15 n. 1. P. 23-33. Jan - jun 2011.
- MEDDA, M. C. G. Análise das representações sociais de professores e alunos sobre a avaliação na escola: um caminho construindo coletivamente. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.** vol.03 no.08 Rio de Janeiro jul./set. 1995.
- MIRANDA, C. L.; PLACCO, V. M. N. de S. e REZENDE, D. B. Representações sociais sobre a escola e seu impacto na constituição identitária de licenciandos em Química. **Ensino em Re-Vista** [online]. 2020, vol.27, n.1, pp.138-157.
- MOSCOVICI, S. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar. 1978. _____. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- NEVES, A. L. M. SILVA, I. R. Significações do protagonismo dos/as professores/as na igualdade de direitos à população Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT). **Interthesis**,14(2). 2017. p 92-112

- NOVA, T. B. B. e MACHADO, Laeda Bezerra. O processo de objetivação nas representações sociais de escola para crianças. **Sér.-Estud.** [online]. 2014, n.38, pp.93-106.
- PINHO, R. PULCINO, R. Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTTT. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v.42, n. 3, p. 665-680 , jul./set. 2016.
- SANTANA, A. F. S. Representações sociais de estudantes do ensino fundamental da rede pública de ensino acerca da violência na escola. **Rev. Inter Ação** [online]. 2012, vol.37, n.1, pp.113-130
- SIERRA, J. C.; CÉSAR, M. R. A. Governamentalidade neoliberal e o desafio de uma ética/estética pós-identitária LGBT na educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 1/2014, p. 35-51
- TOMIZAKI, K.;DANILIAUSKAS, M. A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas. **Proposições**. V. 29, N. 1 (86) | jan./abr. 2018
- VIANNA, C. P. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 791-806, jul./set. 2015.
- VIANNA, C. BORTOLINI, A. Discurso antigênero e agendas feministas e LGBT nos planos estaduais de educação: tensões e disputas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, e221756, 2020.
- WITHERS, S. W. e ENS, R. T. Representações sociais do trabalho do pedagogo na escola em tempo integral. **Práxis Educativa** [online]. 2011, vol.06, n.02, pp.223-234.

APÊNDICE - ROTEIRO DE ENTREVISTA

A entrevista foi conduzida de acordo com os seguintes pontos:

1. Relate com os detalhes a sua trajetória na educação básica, destacando:
 - Como se dava o acolhimento nas escolas em que estudou;
 - As relações estabelecidas com colegas de turma, professores, coordenadores e gestores;
 - Experiências marcantes na escola enquanto pessoa LGBTQIAPN+;
 - Indicações de preconceito sofridas ao longo da trajetória escolar.
2. Descreva como se dava o seu processo de ensino/aprendizagem, ressaltando quais conteúdos se destacavam e em quais apresentava mais limites ou dificuldades e como se sentia no grupo em relação ao seu desempenho escolar.
3. Hoje, na condição de docente, como acolhe os alunos e como lida com situações de preconceito presenciadas no espaço escolar?
4. Para você, hoje em dia a escola é mais inclusiva para pessoas que não se enquadram em um padrão cis-heteronormativo?